



III – À GUIA DE CONCLUSÃO

PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES

PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES

Bertha K. Becker

1. A Amazônia com Mata

A Amazônia com Mata é, efetivamente, um componente regional com características que lhe conferem unidade e diferenciação baseada na presença da floresta, circulação fluvial e baixa densidade da população que se concentra nas cidades. Esse reconhecimento, obtido mediante análise de três temas sobre relações entre cidades/indústria/floresta, trouxe importantes revelações.

- **Importância da Natureza no Processo de Povoamento**

A mata não é uniforme e homogênea; pelo contrario, há um zoneamento estabelecido pela própria natureza subjacente ao povoamento da região.

A floresta ombrófila densa – aqui denominada de coração florestal ou core – permanece bastante integra¹, como se a própria natureza tivesse tido, até agora, o poder de barrar a expansão do povoamento. É na floresta ombrófila aberta e na Mata de transição para o cerrado, no entorno do coração, que incide o povoamento e o desmatamento que continua ativo e tenta avançar sobre o core.

É do conhecimento geral que as estradas induzem o desmatamento. O que não tão conhecido, é o papel da natureza no traçado das estradas e, portanto, no povoamento. As estradas que conectam Brasília ao Acre, seguiram as linhas de menor resistência através do cerrado no MT e da mata aberta em RO e AC. A Transamazônica nitidamente está localizada no limite entre a mata aberta e a densa. Do mesmo modo, as estradas mais recentes como a Cuiabá-Santarem e a Porto Velho-Manaus estendem-se em brechas de mata aberta no coração florestal.

¹ Á exceção do Nordeste do Pará, cujo desmatamento ocorreu ainda no ciclo da borracha.

- Separando Ideologia e Ciência

O “insight” da relativa integridade do core florestal, desloca o foco dominante sobre a região dos problemas das áreas povoadas e tem amplas repercussões sobre o discurso e a estratégia de desenvolvimento regional. Há que mudar o discurso vago sobre “o bioma”, “a floresta”, pois que correspondem hoje a um território bem definido do coração florestal. Tal distinção, indicando onde se aplica hoje a discurso sobre preservação, talvez marque hoje a diferença entre ideologia e ciência.

- Estratégia

Há, também que mudar a estratégia de desenvolvimento regional. A possibilidade imediata – e urgente – de passar do pré para o pós-fordismo, a vanguarda da inovação, reside no coração florestal. Ele constitui verdadeira fronteira onde novas formas de produção podem utilizar sem destruir um potencial de recursos não madeireiros, minerais e serviços ambientais, muitos deles ainda não devidamente conhecidos.

Organizar a produção madeireira e a indústria florestal é a estratégia básica na extensa “zona” das matas aberta e parte de transição ainda existentes onde rodovias e cidades melhor equipadas sustentam uma crescente pecuária bovina e uma exploração madeireira desorganizada, como principais atividades. Pecuária leiteira e agricultura instáveis, também aí presentes, merecem ser fortalecidas com formas avançadas de produção e de organização fundiária que garantam a produção de alimentos para toda a Amazônia com Mata.

Reafirmou-se a proposição de que redes de cidades são condição essencial das mudanças almejadas. Estas requerem uma logística específica baseada em multimodalidade e capilaridade necessárias à construção de cadeias produtivas que tem nas cidades o ponto de convergência de todos os tipos de redes – técnicas e sociais -, e que por essa razão devem ser equipadas com serviços para comandar a estratégia, para atrair pesquisadores e empresários, e para permitir a interação nas e entre as “zonas”. Vale enfatizar que a dinamização das cidades é importante elemento estratégico para constituir

estratos sociais intermediários numa região onde dominam muito grandes e muito pequenos agentes. Ademais, a mudança institucional terá que agir através das cidades. E não corresponderão elas, em si, a uma mudança institucional na dimensão territorial?

- Esperanças

Amazônia com e sem Mata não são unidades estanques. Até agora a dinâmica regional da Amazônia sem Mata tem sido a dominante. Espera-se que as inovações na Amazônia com Mata possam inverter a situação, estimulando mudanças na sem Mata. Uma ação de política pública imediata seria sustar as licitações para manejo florestal no “core”.

Espera-se também, que as inovações possam colaborar com a integração da Amazônia Sul-Americana. É que o coração florestal da Amazônia brasileira é a borda do grande bioma amazônico sul-americano, igualmente ainda bastante intacto, e onde Manaus, por sua posição estratégica, tem possibilidade de comandar a bioprodução e os serviços ambientais. O intenso desflorestamento na Bolívia e no Peru torna a organização da exploração madeireira e da indústria florestal um problema comum e prioritário. Parcerias para implementar pesquisas visando a indústria e a utilização mais nobre da madeira são factíveis. Haveria também que cogitar da criação de uma empresa de economia mista para regular a atividade no Brasil, e em parceria com os países vizinhos no âmbito da IIRSA.

2. A “Amazônia sem e com Mata”

As pesquisas nessa segunda parte do estudo envolvem a utilização de produtos florestais – não madeireiros e madeireiros -, trajetórias tecnológicas na dinâmica agrária, questão fundiária e logística. A utilização de produtos florestais, na verdade, ocorre, sobretudo nas zonas de Mata aberta e de transição ainda existentes. Como acima analisado.

Nas áreas alteradas mais complexas e conflitivas do Pará oriental e do Mato Grosso, a estratégia exige reestruturação para consolidar o desenvolvimento.

- Sistemas Emergentes: Relação Empresa/Comunidade

Sistemas emergentes com base na utilização de produtos não madeireiros constituem uma inovação na região, na medida em que envolvem comunidades extrativistas e empresas. São precursores do modelo proposto para o coração florestal como no caso do guaraná. Na Amazônia sem Mata, esse sistema tende a se expandir com o plantio de dendê, que articula a empresa com cooperativas de produtores familiares. A consolidação desses sistemas em condições econômicas, sociais e ambientais desejáveis, demanda a alteração da legislação em duas questões cruciais: a) regras que impeçam a exploração das comunidades pela empresa (contratos); b) abertura – cuidadosa – do acesso ao patrimônio genético por pesquisadores e empresas.

- Avanços e Problemas na Produção Madeireira

Os dados revelam que a certificação de florestas, tanto por empresas quanto por comunidades – estas particularmente no Acre – são hoje uma realidade comemorada pela engenharia florestal. Há, contudo, que não perder de vista questões importantes quanto à utilização da madeira, tais como: a) o esforço sendo feito visa exclusivamente à exportação, sendo surpreendente a ausência de preocupação com a utilização mais nobre da madeira, mediante a industrialização e, mesmo, com biocombustíveis de segunda geração cuja pesquisa e produção avança nos E.U.A. e no Canadá; b) são certificadas as florestas nativas da mata aberta e de transição (à exceção da ORSA, em pleno coração florestal) acarretando patente desflorestamento, quando se deveriam explorar florestas plantadas nessas matas e, mesmo, na Amazônia sem Mata.

- Importância de um Setor Rural Diversificado

Ao contrário do que se imagina, o setor rural da Região Norte é muito diversificado e nos últimos dezessete anos vem crescendo e gerando riqueza considerável que é retida em 41% pela população rural – camponeses, fazendeiros e assalariados rurais. O restante da riqueza gerada contribui para as

economias urbanas locais e regionais (27%) e para a economia nacional (21,5%). O desafio estratégico que se coloca para um desenvolvimento mais distributivo é, por um lado, conter ou reorientar as trajetórias patronal e camponesa baseadas na pecuária de corte que vem ganhando mais eficiência econômica e poder, e por outro lado, fortalecer as trajetórias camponesas e patronais baseadas em sistemas de cultivos permanentes – as camponesas associadas à pecuária leiteira e as patronais à silvicultura -, e a trajetória camponesa agroflorestal não madeireira.

Tal estratégia exige grandes mudanças institucionais para quebrar essa assimetria de poder e um sistema de planejamento capaz de internalizar perspectivas dos sujeitos sociais nos processos decisórios com base em pactos de aglomerados de diferentes escalas funcionais e territoriais. Exige também conhecimento orientado para gerir e tornar eficientes sistemas não só diversos, mas cuja eficiência deriva da diversidade.

- Da Infraestrutura à Logística

Embora crucial para a Amazônia, que é ainda bastante isolada no país, a circulação é um dos setores menos pensados sob a ótica da região. A infraestrutura tem sido implantada com vistas à exportação, negligenciando as conexões intrarregionais, acrescidas hoje pela demanda de integração Sul-americana.

A Amazônia exige não apenas infraestrutura, mas, sim, logística, entendida como um sistema de vetores de produção, circulação, processamento e distribuição. Significa que não é suficiente a ação baseada na multimodalidade de transporte; é necessária a capilaridade; e tampouco ações apenas visando o transporte, mas, sim este integrado com energia, indústria, armazenamento, informação. E, os sistemas logísticos deverão necessariamente ser diferente na Amazônia sem Mata e na Amazônia com Mata onde os rios mantêm o seu papel crucial e podem contribuir para o desenvolvimento atreves do uso múltiplo da água. Desnecessário lembrar o papel central das cidades no sistema logístico.